

A TRINDADE MALDITA

Contos no Botequim

(incompleto)

Franklin Távora

I

(Continuação)

— Segundo compreendo, Sr. Eduardo, todos os senhores são estranhos a este lugar. Por esta razão e também porque a noute já prossegue um tanto adiantada, lhes ofereço com grande satisfação o meu pobre albergue.

— E nós o aceitamos de muito bom grado e com indizível reconhecimento.

— Nele nenhum cômodo acharão; mas, em todo o caso, melhor é pernutar-se ao abrigo de algumas esteiras e encerados, do que ao cômodo da praia do mar, ou às ameaçadoras ruínas dalgum convento.

— Muito vo-lo agradecemos, repetiu o mancebo com uma efeminada expressão. Mostrais nesta espontânea e franca hospitalidade que sois um francês de *bon cœur*, como dizemos nós — os franceses.

— Ah! Engana-se perfeitamente; quero dizer, nem mesmo sei o que sou.

— Que!... não nos entende.

— Todos os homens são meus patrícios e concidadãos.

— É notável! Dar-se-á acaso que ignoreis a vossa própria nacionalidade?!

O mestre Germano tartamudeou palavras ininteligíveis, e apresentando aos recém-vindos uma caixa de charutos aberta, todos se serviram com prazer.

Ora, como não se passa mal num lugar, onde há o que comer, o que beber e o que fumar, os nossos aventureiros davam-se mútuos euges. E enquanto sacudiam dos capotes os ligeiros chuviscos da neblina que os apanhara, entre risos e motejos de parte a parte, o Sr. Germano preparava três camas para os seus três hóspedes, ao cabo de cuja ocupação lhes disse:

— Aqui os senhores podem rressonar, à vontade.

— Rressonar!... disse Eduardo. Ah! Sr. Germano, quando se está avezado a modornar sobre bons leitos, no regaço macio, perfumoso e quente de boas mulheres, não se pode rressonar, a bom grado, numa esteira rechinante e áspera no apertado recinto da sala de um botequim.

— Diz bem. Quanto a mim, porém, caro Sr. Eduardo, que hei muita vez reclinado a minha cabeça, encandecida de emoções fogosas, a lascivos colos de mulheres, em leitões sedosos e brandos, hoje durmo um suave sono em qualquer parte, quer ao frio, quer à chuva e até mesmo nas duras tábuas deste balcão.

E tendo pronunciado aqueles vocábulos, o mestre Germano pulou de uma só vez, como um chacal, para o mostrador da sua tasca, no qual estendeu-se o fio comprido.

Os três moços, imitando-o, tomaram os seus portos de dormida. Reinou silêncio.

II

Meia hora completa, inteira e longa decorreu assim. Era uma mudez de jazida tumular, um sossego de finados.

Mas no entanto, a tênue neblina espessara-se aos poucos, poucos (*sic*), de maneira a desabrochar em uma densa, copiosa e continuada chuva; a noute em negrumes e trevas, espreguiçava-se abafada e doentia; uma atmosfera algente e glacial pesava, em turbilhões de água solta, desde os píncaros dos montes até os esplanados (*sic*) dos vales de Olinda: era uma verdadeira noute de inverno. Se a esse gotejar grosso, basto e interrompido, houvesse-se aliado o sopro arrebatador do furacão da procelária, há muito que os nossos quatro conhecidos se achariam expostos às intempéries da má estação, porque a cobertura do botequim já houvera, sem dúvida remoinhado no ar, como folhas secas, ao esfuriar (*sic*) das lufadas do noroeste.

Todos, como fica expresso, se conservavam deitados e mudos; mas dentre eles, só um saboreava as delícias do sono, ao passo que os outros, quietos e imóveis, como cadáveres, conservavam-se em muito boa vigília, escutando o rápido deslizar-se da água sobre os encerados, e fantasiando, talvez, ilusórios, porém ricos e lindos castelos, no esfumaçar vaporoso dos charutos.

— Mestre, disse Jorge um minuto depois para o taberneiro, o charuto me há exaurido a saliva e a minha goela está seca e enxuta, como a língua de um papagaio; é preciso molhá-la. Por sua bondade poderá dar-me algum vinho?

— Boa lembrança, Jorge. Tenho os músculos enervados e entorpecidos por causa dessa geada, que corre friorenta e gélida, como o mármore de um túmulo, aos relentos da meia-noute. Vinho, vinho!... Venha o licor do velho Horácio, caro Sr. Germano.

— Um pouco de espera e não haverá dúvida.

O mestre Germano, à moribunda e amarelenta luz do azeitoso (*sic*) candeeiro, deixou cair sobre três copos uma torrente de vinho que transbordou-os.

Jorge e Carlos ergueram-se de um jato e pegaram imediatamente (*sic*) e ao mesmo tempo de dous copos espumantes, que, quase num gole, esvaziaram.

— E aqueloutro também não bebe? — perguntou o taberneiro, apontando para Eduardo, que roncava profundamente a um canto da sala, ele, que julgara impossível risonhar à vontade, no apartado recinto da sala de um botequim.

— Tem razão. Ó Eduardo?... Olá Eduardo?...

O moço, em cuja fisionomia pálida ressumbravam os traços mais evidentes e vivos de levar uma vida toda de desmandos, extravagâncias e perdição, deixou assomar por entre as envieasadas dobras do seu capote de casimira negra a sua linda cabeça loura; e seus olhos lânguidos e adormentados embora, brilharam mais, que a luz amortecida do candeeiro do botequim.

— Recusas a uma refrigerante gota de bom Xerez, quando a noute vai tão adiantada em frialdade e insônia? — perguntou-lhe Jorge, indicando-lhe o terceiro copo, que permanecia sobre o balcão, majestoso, apetitoso e coroadado de flores de espuma até às bordas.

Eduardo pôs-se de pé, pegou-o com avidez e falou:

— À saúde do Sr. Germano.

— Sim, correspondeu uma outra voz estridente e sonora. Mas... oh!... os vossos copos estão vazios e ociosos, como uma caveira de velha, acrescentou Carlos.

— Mais vinho — exprimiui-se Jorge.

O taberneiro derramou de uma segunda garrafa um copioso fio tinto sobre os três vasos exaustos. Os moços empinaram-os de uma só vez, fazendo com a cabeça o movimento de quem solta uma fumaça de charuto ao ar, e o taberneiro satisfez à sua saúde, levando aos beiços finos, um restozinho do licor que ficara no fundo da garrafa.

— O Sr. Germano, disse Eduardo virando-se para o taberneiro, já leu alguma vez um livro brasileiro cético e descrente, como um renegado, sensual e devasso, como uma meretriz parisiense, romântico, poético ou sentimental, como a primeira página amorosa do livro da vida de um mancebo cujo autor se nomeia por Álvares de Azevedo?...

— Desse de que fala, só apreciei a — Noute na Taberna (*sic*) — respondeu o Sr. Germano.

— Perfeitamente. Era justamente dessa estranha produção do americano poeta que eu queria falar-lhe.

— Ainda bem.

— Diga-me; entre o seu botequim e a taberna figurada pelo Álvares de Azevedo não acha alguma cousa de comum...?

— Já sei, interrompeu o taberneiro. Lá se bebia e aqui também se bebe; é um ponto de contacto.

— Mas lá contavam-se histórias extraordinárias como as cinzas da fênix da fábula, horrorosos e medonhos, como os lêmures ou almas penadas dos antigos romanos, agradáveis e belas na sua fealdade e hediondez como a lâmina ensanguentada de um punhal que se embebeu nas arcas do peito de um parricida; ao passo que aqui, entre nós, a noite se arrasta lenta, fastidiosa e monótona, como uma noite de internada em que não corre sobre uma esteira um rolar de dados, nem se repousa uma fronte de uma virgem, ou aos joelhos sensuais de uma perdida, em um frouxo leito.

Fora Eduardo quem falara ainda. Ele era por demais dissoluto e livre nas suas linguagens.

— Neste caso, aventurou Carlos, narre cada um de nós uma história, um romance ou um poema. Quanto a mim, desde já vo-lo digo, apenas saberei contar-vos uma história triste, qual o túmulo de um assassino, e que como tal poder-se-á traduzir por uma (*ilegível*).

— Pois bem, propôs Eduardo, dirigindo-se ao seu companheiro de jornada e, provavelmente, de aventuras, se é verdade que guardas uma narrativa à mão, sejas tu o primeiro a (*ilegível*).

— Obrigado pela escolha. Sou de acordo que primeiro conte a sua o Sr. Germano.

— Oh!... não! disse este. A escolha foi perfeita e ótima; não há que retrucar. Serei eu o último a contar a minha.

— E eu (*ilegível*) o mesmo pensamento, acrescentou Jorge.

Cada um foi tomar o lugar que dantes ocupara.

Carlos principiou:

III

— « Conheceis-me?... Sou um perdido, um réprobo excomungado e satânico de arvorar na câmara modesta, casta e singela da virgem o pavilhão negro-ensanguentado da desonra e do crime, e de arremessar escarros de desprezo e de escárnio à face macilenta do Cristo de bronze que jaz pendente da parede entre as cortinas brancas-sujas do leito da vendida.

« Há muito que levo esta vida de perdição e de erros.

« Parecer-vos-á talvez, que fui, por sem dúvida, o fruto infeliz e misérrimo de um coito proibido e danado, atesta esta minha, como que natural, tendência para o mal.

« Seria, porém, um engano; meu pai era uma francês de coração magnânimo e de sentimentos leais e nobres, e minha mãe uma bela italiana de iguais crenças e qualidades.

« Para melhormente vos persuadirdeis de que fui o seu mal, porque tinha de o ser, escutai-me.

« Talvez não tenhais, nem ao menos, ouvido falar no conde de Villemer, ministro plenipotenciário que foi, há uns dez anos, da França no Brasil.

« Era um ancião de estatura hercúlea, traços fisionômicos delicados e nobres, epiderme alva, porém queimada algum tanto pelo sol dos *boulevards*, de compridos bigodes negros, que, quando penteados, tocavam-lhe até aos sobacos (*sic*), e sobretudo muito honrado e probo: horrorizava-se mais ao aspecto da desonra, do que ao do próprio crime.

« O Sr. de Villemer, quando partiu para o Brasil, trouxe consigo um francês de seus quarenta anos, na qualidade de seu secretário, escriturário ou cousa que o valha, francês que conduziu igualmente em seu poder um filho de dez anos, órfão de mãe; pois que Carlos Dumont, meu pai, era viúvo.

« Poucos tempos depois de sua permanência no Brasil meu pai, não se dando bem com os ares americanos teve de succumbir a uma enfermidade de família; pedindo, antes de o fazer, ao Sr. de Villemer, que assim como ele houvera sido o seu patrono, fosse também o protetor de seu filho; razão pela qual tive de substituir a meu pai, no seu emprego depois de sua morte. Eu era inteligente e desembaraçado, o que ainda mais concorreu para que o pedido do meu infeliz progenitor fosse atendido.

« Desculpai, se vos impaciento com todas essas minuciosidades, que aliás reputo necessárias a que conheçais quão perverso é o meu coração e quão diabólica a minha alma.

« O meu protetor era casado. Margarida de Lamorcière chamava-se a sua feliz consorte, linda francesa de olhos altivos, redondos e negros, colo lascivo e gordo, lábios e faces levemente dearmados (*sic*), estatura regular e majestosa; trato macio, jovial e brando; matrimônio este de que viera à luz mademoiselle Eugênia, seráfica menina de oito anos, decuplamente (*sic*) mais atraente e fascinante e mimosa do que Margarida Lamorcière. Em tão limitada idade, em que os contornos ainda se achavam naturalmente acanhados e num estado de verdadeira imperfeição, nunca me foi permitido descobrir um composto tão lindamente modulado.

« Era tão encantadora essa filha do bairro de *St. Honoré*, que foi brevemente pedida em casamento pelo filho do marquês de Santo Amaro, grande e senador do império, e pessoa por

consequente de alta representação, donde deveis inferir que lisonjeiros e brilhantes horizontes eram os que logicamente deviam assinalar o futuro dessa menina.

« Além do que o marquês de Santo Amaro possuía uma fortuna milionária, o que elevava o jovem Alberto, seu filho, estudante do primeiro ano do curso de direito em Olinda, à alternada eminência de grandes e soberbas presunções.

« Passaram-se quatro anos e alguns meses neste mesmo estado de cousas.

« Entretanto um amor ardente, incomensurável, infinito me germinara no peito pela jovem Eugênia. Bem fora de oportunidade chegara ele a esse pé, porque com diferença de meses, ela devia unir-se a Alberto, que se apropinquava do termo do seu tirocínio acadêmico. Já se tratava dos preparativos do iminente consórcio.

« Um dia, levado mais por um eflúvio natural, do que por um pensamento concebido e meditado, eu fi-la conhecedora desse amor excessivo, que por ela me remoinhava n'alma. Chorei lágrimas espontâneas no seu deslizar-se, como flores no seu brotar da gleba inculta, no momento supremo dessa revelação.

« Mas a resposta, que de seus lábios obtive, foi esta:

— Ah! eu não posso amar-vos.

« Fiquei triste como o aventureiro, que vê cair, descorados e pálidos, todos os seus castelos de especulação e de glória.

« Pareceu-me ter sucumbido deveras; não pronunciei depois disto um só monossílabo, porém não desanimei; muito ao enviés, considerei-me triunfante, logo que pude chamar ao seu estado normal todas as minhas ideias, porque lembrei-me então de que, depois de haver aventurado aquelas expressões, Eugênia passara o lenço pelos lábios para fazê-los corar. Era presumível que uma notável revolução houvesse agitado em sua alma essa minha confissão, e isto podia traduzir-se em meu benefício.

« Efetivamente algum tempo depois presentí que as minhas palavras encontravam um eco em sua alma.

« Ateei a chama. Ao passo que se preparava o conveniente e o necessário ao brilhantismo do consórcio de Eugênia e que o seu futuro esposo se revolvía no seu leito de solteiro em fogo e febre de desejos ao só pensamento de desposá-la, ela, tocada pelas minhas palavras e artificios, ou seriamente apaixonada por mim, tão eloquentes e suasórias haviam sido elas, começava a corresponder-me muito a muito pronunciadamente.

« Uma noite (*sic*), em que o conde se assentara a fazer uma visita ao marquês em sua chácara, que ficava distante da capital da província umas duas léguas, visita a que o acompanhara a sua filha Eugênia, achando-me eu sentado à mesa do meu quarto, com o

queixo apoiado sobre a palma da mão direita, abismado e absorto em estranhas ideias, chegou-me aos ouvidos o estrondo de tropas de alguém que subia.

« Sempre fui curioso e ousado. Subi em seguida cautelosamente, pé ante pé, acheguei-me sorrateiro e prevenido à porta que dava para a câmara de Margarida, a qual abalando de leve notei que estava fechada à chave. Olhei pela fenda da fechadura e o que meus olhos vislumbraram à luz dos espermactes do seu candelabro, foi a mulher do conde, Margarida Lamorcière, sentada numa otomana, a conversar deleixada (*sic*) e amorosa com o deputado Henrique da Silva, galante rapagão, moço literato de uma capacidade distinta e não vulgar.

« Involuntariamente um calefrio rápido electrizou-me todo. Depois tive uma ideia negra, satânica, a de lavar o ultraje derramado à honra de meu protetor com o sangue de um homem; foi um sonho; esse pensamento desvaneceu-se veloz e repentino como o calefrio, que o precedera.

« Por uma súbita resolução permanecia naquela posição à porta. Disséreis, ao ver-me, nesse instante colocado à porta da câmara da mulher do conde, imóvel, inteiriçado, com a palpitação abafada e os olhos a não pestanejarem sequer, ser eu um cadáver colérico que se achasse grudado a essa tábua infame e ignominiosa, por abrigar e proteger um crime.

« Ouvi então o que vou dizer-vos:

« — Afinal, meu poeta, disse a condessa após tantas tentativas baldadas ou infrutíferas, foi-vos dado penetrardes até aqui.

« — Ah! Margarida! E sabeis vós o que hei de demasiado sofrido, e que fel tenho libado, e que espinhos agudos, pungentes, martirizantes me hão ulcerado, fibra por fibra, veia por veia, esta alma que se dilacera de volúpia e de amor?! Talvez não me olhais como digno de merecer fé ao que vos digo; via uma injustiça ou talvez uma clamorosa (*ilegível*)! Amovos como um perdido, como (*ilegível*) ama fitar os (*ilegível*) e o (*ilegível*) as trevas, (*ilegível*) que o põe a salvo do (*ilegível*).

« — (*ilegível*).

« — Às minhas palavras, as minhas loucas tentativas, as insanas temeridades que por vossa causa, lei (*sic*), de frente calma, encarado, são um veemente e solene protesto contra o menor laivo de dúvida ou de desconfiança de vossa parte às minhas revelações.

« E aqueles lábios escandecidos depuseram por uma efusão espontânea e quase onipotente, um ósculo de fogo sobre a branca e sedosa mãozinha da condessa, que ele apertava entre as suas, trêmulas, friorentas e gélidas.

« Um instante de mudez se sucedeu; o moço estava deslumbrado; seus olhos grandes espargiam chamas de volúpia.

« Depois ele continuou:

« — Margarida, eu morro e me definho a essa sofreguidão de tantos dias!... Não percebeis...?

« A condessa interrompeu-o:

« — Não; hoje não é possível. As horas já vão apressadas e o conde não deve tardar.

« — Enganai-vos. Ele foi longe, e não pode voltar agora.

« E apresentando o relógio à bela e encantadora francesa, acrescentou:

« — É apenas meia-noite!

« — Meia-noite! repetiu ela, como surpresa. Oh! definitivamente o conde se acha muito perto. À meia-noite disse-me que se acharia aqui.

« Henrique meteu o relógio na algibeira, mudo, como uma campã. A condessa crendo tê-lo desagradado em extremo com tão direta decepção, falou-lhe assim:

« — Amanhã, podeis vir sem receio. O Sr. de Villemer vai fazer uma outra visita ao marquês de Praia Vermelha e poderemos então expandir-nos por algum tempo em nossas falas. Hoje é impossível!

« — Então para que exigiste que eu viesse hoje?

« — Ah! Henrique, quando se sentem chamadas no coração, os mais felizes instantes são os que se levam ao pé do objecto idolatrado! Ignorais isto?... Parece que não me amais!...

« — Amo-vos como não sei, nem posso dizer-vos!...

« — Disse e repito. Parece-me que não sentes por mim o que dizeis sentir, senhor doutor, repetiu Margarida como em despeito.

« — Parece-vos isto? perguntou o sonhador com uns certos longes de receio e tristeza. Se soubésseis, Margarida...!!

« — Já sei, já sei. Conheço perfeitamente qual o amor que se tributa à mulher de um conde, disse ela com ironia.

« — Oh! eu vos amo tanto, tanto, que esperar até amanhã é uma morte para mim! Essas vinte e quatro horas de espera valem o mesmo que um século de sofrimento para a minha alma!...

« E o moço levou pela segunda vez aos lábios a mão azul-veiada da condessa, a qual, como se houvesse sido tocada de um choque eléctrico, estremeceu desde os pés até a cabeça.

« — Margarida, falou ainda o deputado, com a voz sensivelmente alterada de emoções libidinosas, Margarida, amanhã é uma eternidade, o infinito!...

« — Não, ajuntou a condessa levantando-se de chofre, qual se tivesse medo de ceder às súplicas ou às lamentações do literato. Amanhã, às 10 horas, achar-vos-eis aqui; na escada

encontrareis Nonancy, a quem dirás que sois o *poeta* e ela vos introduzirá no meu gabinete, que estará às escuras. Nada temais. Nas trevas do quarto encontrareis uma mão trêmula e fria de receios e de amor, pegará da vossa; será a mão de vossa Margarida.

« Henrique só ergueu-se ébrio e alucinado de lascívia. Achevou-se para a condessa, tomou-lhe as mãos simultaneamente, beijou-as com avidez e disse:

« — Adeus, Margarida. Até amanhã.

« — Até amanhã, às 10 horas, meu poeta.

« Nesse ínterim ouviu-se o rodar de uma carruagem, ao longe.

« — É o conde que volta, disse Margarida.

« Eu desci e entrei para o meu quarto. Em seguida ouvi o tropel de Henrique, que descia, e logo depois os do conde e de Eugênia, que voltavam da visita. »

Neste ponto da história o narrador interrompeu-se, e, dirigindo-se ao taberneiro, exprimiu-se deste modo:

— Vinho, senhor Germano. Vinho e charutos.

— Sim, acrescentou Eduardo, e seja logo. Estou sôfrego por ouvir a conclusão de uma narração, que tanto me tem interessado.

— Como era espertalhão esse senhor Henrique! disse Jorge por sua vez.

— E que parisiense que provava ser a tal Margarida Lamorcière! retrucou Eduardo.

O mestre Germano derramou vinho sobre os copos; todos beberam. Carlos continuou:

— « No dia seguinte, cinco minutos antes das dez horas, achei-me à porta da rua do palácio do Sr. de Villemer.

« Às 10 horas em pino, parou defronte de mim uma carruagem, da qual saltou o deputado. Fui ao seu encontro e falei-lhe:

« — É S. Exc. o Sr. Dr. Henrique da Silva?

« — Ele próprio. O que quer?

« — A senhora condessa incumbiu-me de significar a S. Exc. que hoje não era possível.

« — Não era possível?!... O quê?!... perguntou com dissimulada ignorância.

« — Por minha alma que ignoro o que seja, tornei-lhe.

« Ele conservou-se um segundo inativo.

« — Bem; disse-me depois. Recomendações e lembranças de minha parte à senhora condessa.

« E saltou para a carruagem, que pôs a galope. »

— O que foi que sobreveio então, perguntou Eduardo ao historiador, que transtornou por tal modo a execução desse convênio noturno?...

— Por sem dúvida, prosseguiu Jorge, o Sr. de Villemer, velho importante, caiu nessa noite de ataques hemorroidais, ou a condessa do bairro de Saint-Honoré foi acometida de uma síncope histérica.

— Estais em erro, e o caso é o seguinte; escutai-me.

« Não me detive embaixo um instante. Subi. Ao topo da escada não encontrei Nonancy, como esperava; ela provavelmente nesse momento apolvilhava o seu cabelo loiro para parecer encantadora ao seu namorado de fundos de quintal; entrei para o indicado gabinete da condessa, o qual efetivamente estava sem luz, e nessa ocasião senti pegar de minha mão uma mãozinha aveludada e sigente (*sic*).

« Era a condessa que abraçou-me.

« — Henrique?... perguntou. »

— Margarida, quanto sois boa!... respondi-lhe em seguida imitando perfeitamente o metal de voz do original Henrique.

— E depois? perguntou Jorge.

— Depois... Foi um morrer à farta, entre delícias e gozos, entre amplexos estreitos e ósculos chamejantes de sensualidade!

O narrador virou-se para o taberneiro.

— Mais vinho, Sr. Germano, articulou ele.

— Continua, falou Eduardo.

— « Às onze e meia a condessa levantou-se cambaleante e doente, pegou-me da mão e disse-me:

« — Até quando, meu Henrique?...

« — Até quando ordenardes, Margarida, respondi-lhe.

« — Então até amanhã às mesmas horas, convindes?...

« — Por que não?!... Sois um anjo.

« — Pois bem, ide. O conde está a chegar.

« E um ósculo mútuo estalou entre os nossos lábios febricitantes. Foi um ósculo delicioso e doce, como um favo de mel.

« Saí. Desci ao meu quarto, onde esperei sôfrego que o relógio apontasse meia-noite. »

— Meia-noite? E para quê?

— Escutai.

Carlos Continuou ainda:

— « Logo que o meu relógio marcou doze horas e a lua subiu aos píncaros das montanhas, como um vigia noturno, levantei-me, subi, passei pelo quarto do conde, em que

era tumular o silêncio que ia, atravessasse vastos corredores do palácio e fui bater duas pancadinhas à porta de um quarto que ficava contíguo à espaçosa sala, em que o Sr. de Villemer guardava as suas largas estantes de livros.

« Esse quarto era o de Eugênia. »

O taberneiro empalideceu, mau grado os arrebiques, que o calor do Xerez lhe acendera nas faces macilentas.

— « Eugênia me havia prometido uma entrevista. Entrei. Senti depois ela pegar-me amorosamente do braço, deixei-me conduzir sem resistência até ao mais recôndito do seu quarto, para ao pé de uma janela, que se abria para uma rua deserta, ao pé do mar.

« Eu sentei-me e também ela.

« — Carlos, eu não vos amo, eu vos idolatro, e me alucino por vós, disse-me a pudibunda mocinha com todo o dulçor da sua cândida expressão. Por vós, meu Carlos, deslembro sem saudades nem remorsos esse futuro de felicidade e prazeres, de opulência e de ouro, que se me antolha à vista; por vós desdenho deveres palpitantes e a que em tempo nenhum devera prestar um átomo de olvido; por vós faço tudo. Renuncio ao casamento com Alberto, para unir-me a vós; porque eu não experimento por ele uma partícula de amor, e entendo que duas personalidades só se devem unir em matrimônio em consequência de uma paixão recíproca. Mesmo agora resolvi-me a comunicar a meu pai a minha inabalável resolução; quero decidi-lo. Com o filho do marquês definitivamente não me ligarei nunca; só contigo, contigo somente eu me reputarei supremamente feliz.

« A pesar meu, tremi de surpresa; as minhas ob-repções e tramas tinham produzido um efeito além do esperado.

« — Oh!... disse eu, quanto me tomo de ventura ao ouvir tais expressões dos teus lábios!... Se eu te adoro com tanto extremo!... Olha. Só por ti vivo; privem-me da tua presença, das tuas atenções, dos teus excessos por mim, e a vida correr-me-á desde logo fria e sem alento, como as praias daquele mar. Mas, ao passo que o teu amor me prodigaliza encantos da bem-aventurança e de gozos, eu sinto-me descorar e empalidecer ao só pensamento de que teu pai não há de aceder a esse consórcio!...

« — Que importa?... balbuciou a moça, que importa que ele não aceda? Porventura não o quero eu?

« — Tu?

« — Sim. É o que basta para a realização do nosso fim.

« — Tu e eu nada somos; tu és uma mulher, uma filha familiar; e eu um pobre homem que nada vale, obscuro, miserável, sem posição, sem amigos, sem cousa alguma que o possa recomendar.

« — Que dizes, Carlos? O nosso fim é desfrutarmos as delícias do nosso puro amor, e para este fim não se há mister de um desses objectos de que te ocupas.

« — Mas, há-se mister de dinheiro, disse-lhe eu com intenção.

« — Dinheiro? Temo-lo quanto seja suficiente para proporcionar-nos uma existência obscura e ignorada, é verdade, porém tranquila, feliz, inocente e jubilosa.

« Ela foi abrir o seu baú de roupa e de dentro dele tirou um cofrezinho de ébano, que deu-me, dizendo estas palavras:

« — Eis o meu dote. Aceita-o.

« Abriu o cofre, que estava atulhado de imunidade de joias de brilhante e de ouro; passou-me pelo cérebro uma ideia hedionda, que difficilmente repeli.

« — Oh!... acrescentei cego e deslumbrado.

« Aquela porção de valiosas peças podia ser considerada como uma excelente fortuna.

« — Sim, continuou ela; nada nos falta.

« Quis restituir-lhe o cofre, mas ela recusou-o.

« — Céus!... Como és boa, cara Eugênia!...

« E aproximei-me dela e pus a minha destra sobre a sua delgada cintura.

« Eugênia tremeu, e, pegando-me da mão esquerda, falou:

« — Carlos, quanto te eu amo!... Parece-me que só tu és o homem deste mundo!...

« — Obrigado, minha linda, lhe disse.

« Depois fui a depor-lhe um beijo na face de jaspe, quando ela, desviando levemente a cabeça, tornou-me com um ar de certa exprobração amorosa.

« — Não, Carlos!...

« E acrescentou depois:

« — Eugênia de Villemer é só tua; mas ah!... respeita-a, eu te peço durante todo o tempo em que ela te não pertencer legitimamente.

« Fiquei descorçoado, porém, concertando depois o meu desarranjo, produzido pelas penetrantes frases da moçoila, retruquei-lhe:

« — Sim, perdoa-me! Excedi-me um pouco, mau grado meu!... Oh!... que boa que tu és, Eugênia!... »

— Decerto, disse o mestre Germano, que até então se conservara mudo. Que boa alma era a dessa pobre menina!...

« Demorei-me um pouco mais, despedi-me, beijei-lhe com fervor a melindrosa e delicada mão e desci para o meu quarto.

« No outro dia escrevi uma carta a Henrique, em nome da condessa, concebida nestes termos:

« *Convém que não visiteis por estes dias a casa do Sr. de Villemer. Quando for oportuno receberéis recados da vossa Margarida.*

« E fui eu próprio em pessoa entregar estas lacônicas frases ao apaixonado amante, de quem recebi a seguinte resposta:

« *Fico certo do que me dizeis; porém lembrai-vos, Margarida, de que eu morrerei alucinado e doudo se longa for a interrupção da nossa comunicação.* Henrique.

« Eu havia triunfado em uma arriscadíssima batalha. O deputado estava ausente da casa do conde, e eu continuava a fazer-lhe as vezes para com a condessa.

« Na noite desse dia não esqueci de pôr em prática a minha visita amorosa. Foi o mesmo, sempre gozos e prazeres inexprimíveis; sempre horas esquecidas a passar deitado sobre os roliços braços nus de Margarida, ou a conservar a minha cabeça reclinada ao colo albonitente (*sic*) da mágica francesa, ou a espreguiçar-me lascívia e sensualidade sobre os joelhos alabastrinos e voluptuosos da ferosa mulher do Sr. de Villemer.

« Um mês completo decorreu assim nesse levar as noites nas ondas de languidez de um gozar infernal.

« Um dia, porém, o iludido literato, disposto e audaz como era, e já fatigado de tanto esperar, tomou a deliberação de ir à casa do conde.

« Estava eu nesse momento no gabinete do mesmo, o qual se achava ausente, quando o moço se fez anunciar.

« Entrou, falou friamente com a Sra. de Villemer e depois escutei o seguinte:

« — Como!... Que dizeis?!... articulou Margarida interdita.

« — Não retiro a expressão. Sois uma ingrata e zombais de meus puros afetos!...

« — Meu Deus, que ouço?! Porventura ter-vos-ão alucinado essas noites de insônia, passadas ao pé de mim?!...

« — Achais pouco o ridículo? Há um mês inteiro que nos não vemos!

« A condessa devera ter sentido um desmaio; mas se esse teve lugar, passou às súbitas, porque quase no mesmo instante ouvi da sua boca:

« — Há um mês inteiro que nos não vemos!... Pois ontem não passastes uma grande parte da noite comigo, Henrique?!...

« — Eu?!... Oh!... Margarida, que gênio fatal e diabólico estando suas asas negras sobre o meu destino?!...

« — Pois bem; hoje sem falta, à meia-noute em ponto, quero falar-vos.

« Nesse ínterim entrou o conde, que cumprimentou jovialmente Henrique, o qual arrastou-se da sala pálido e pensativo.

« Quanto à condessa, não almoçou, nem jantou nesse dia, que todo levou enclaustrada em seu quarto, a conjecturar, por sem dúvida sobre essa estranha aventura.

« Pelo que diz respeito, tive então medo. O engano ia ser desmentido e certamente saber-se-ia quem representava o suposto Henrique. Tive medo, confesso-o; porque a morte se me entolhou com todo o seu cortejo de circunstâncias tétricas; julguei-me vítima inevitável da justa vingança dos dous amantes.

« Em tais conjecturas, um pensamento divino iluminou-me a fronte; divino chamo-o eu, porque somente ele poderia pôr-me a salvo do golpe iminente.

« Peguei da pena, alterei o melhor possível o carácter da minha letra e escrevi a seguinte carta anônima ao conde de Villemer, a qual, uma hora depois de concluída, fui entregar-lhe dizendo-lhe que naquele mesmo instante ma haviam dado.

« Uma pessoa (que se não quer dar a conhecer) descobriu por um fortuito que em vossa casa se hão passado cenas dignas da vossa atenção e das quais todavia não tendes o menor conhecimento: Em tudo isso o que somente sofre é a vossa honra; e se quiserdes certificar-vos da veracidade do de que se vos faz ciente, hoje à meia-noute, tomadas as devidas providências, ide ao quarto da condessa, vossa consorte.

« Quando o Sr. de Villemer concluiu a leitura desta carta, ela escorregou-lhe dos dedos, como por influência sobrenatural, ele insensivelmente se deixou cair sobre uma cadeira, lívido talvez mais de pudor, do que de cólera.

« Depois de jantar chamou-me confidencialmente ao seu gabinete, cuja porta trancou sobre si, e, depois, sentando-se defronte de mim, expressou-se deste modo:

« — Carlos, teu pai foi o amigo mais desvelado e extremoso, que hei conhecido. Por bem de mim arrastou por mais de uma vez perigos incompreensivos, e à sua fidelidade devo o conseguimento de muitos fins que me propus alcançar. Ora, hoje, que esse amigo dedicado e verdadeiro me falta, e que não obstante, eu sinto urgente necessidade de uma fíducia estranha, poderei acaso depará-la em ti, que és seu filho?

« — Senhor, disse-lhe com estudada comoção de estupefacção e de interesse, por vós me aventurarei a perigos até contra a minha própria vida!...

« O conde sorriu-se de júbilo, mas esse sorriso foi terrível qual seria o de um tigre, se os tigres sorrissem.

« — Bem. Tem-se necessidade de muita disposição e coragem para o fim de uma expedição esta noite. Nada te há de faltar. Às onze horas deves achar-te em meu gabinete, sem que todavia se saiba que ali estás enquanto que eu, fingindo ir ao baile do marquês de Praia Vermelha, às onze e meia também me acharei nesse lugar. Já vês que o negócio de que se trata, é de muito interesse; e para que melhormente o saibas, lê esta carta.

« E o conde deu-me para ler a carta que eu lhe havia escrito pela manhã.

« Fingi tornar-me interdito, emudeci e perdi a cor do rosto; o meu retrato, que se refletiu no espelho do gabinete, deu-me as pareanças do de um cadáver de pé.

« Prometendo executar fielmente tudo quanto me havia ele recomendado, e havendo mesmo combinado entre nós a respeito do melhor caminho a seguir naquela excursão, saímos do gabinete. »

O narrador parou um pouco para banhar a goela com as últimas gotas de vinho que haviam ficado no fundo de seu copo. Os ouvintes estavam atentos e imóveis, como as estátuas de um templo.

O narrador, depois de haver sorvido esses últimos tragos do licor espumante e atirado ao ar abafadiço desse quarto apertado algumas fumaças branco-cerúleas do seu charuto, prosseguiu nestes termos:

— « Havia já três dias que, para pôr complemento a essa tirada de atos torpes e satânicos, um viera colocar-me à frente envilecida o estigma de réprobo. Fora o seguinte:

« Aproveitando-me do amor estremecido que essa menina, às cegas, me dedicava, por meio de estratégias e palavras persuasivas, a que ela por fim acedeu, porque contra uma paixão exaltada de virgem nem o dever tem poder, eu arrancara-lhe da frente, para arrojá-la ao pó do desprezo, a sua estema de pureza e castidade. »

O taberneiro suspirou profundamente; Carlos disse:

— « Logo que o Sr. de Villemer *partiu para o baile do marquês*, subi ao quarto de Eugênia, que achei prostrada diante do seu oratório lavada em lágrimas.

« Ao ver-me se ergueu pesadamente, enxugou as lágrimas com as tranças e sentou-se.

« — Que tens? perguntei-lhe.

« — Remorsos! respondeu-me ela.

« — Remorsos! De que tens remorsos?

« Ela não respondeu. Depois falou desta maneira:

« — Carlos, para que te amei eu? Para que me amaste tu!? Se isto se não houvesse dado, eu hoje não seria a mulher mais desgraçada deste mundo!...

« — Desgraçada?!...

« — Queres saber por que razão agora mesmo não ponho termo a essa minha mal-aventurada existência?!...

« E tirou de dentro de sua cesta de costura um punhalinho (*sic*) de prata, que mostrando-me, cintilou aos meus olhos.

« — Queres saber? repetiu ela.

« — Dize-o.

« — É porque já hoje em dia conduzo em minhas entranhas uma vida, que, embora ainda em gérmen, não deixa todavia de ser-me cara.

« Ao pronunciar estas expressões, alagou-se numa toalha de prantos, que lhe arrancavam soluços abafados.

« Calei-me e saí.

« Eram onze horas; fui meter-me atrás da porta, que dava para a escada e esperei.

« Pouco depois ouvi o som de passos que se dirigiam para cima.

« Tremi. Um calefrio de terçãs envolveu-se-me por todo o corpo; e o meu punhal, desnudo, brilhou nessa escuridão de bátrio.

« Um instante depois uma vaga sombra de homem assomou, quase imperceptível, em frente dos meus olhos.

« Peguei-o por detrás e cravei-lhe o meu aguçado punhal na nuca, seguindo-se apenas o baque de uma queda.

« Acendi então um coto de vela que reservara para esse fim; e, quando a sua luz pardacenta se derramou sobre o rosto do defunto, e eu esperava distinguir nele as feições lascivas de Henrique, descobri os traços desmaiados e senis do conde de Villemer!

« Não sei como não rolei sobre essa matéria ensanguentada e lívida. Não foi somente espanto e estupefacção o que me tomou nesse crítico momento; foi um terror de asfixiar.

« Mas, de repente, levado pelos instintos da própria conservação, veio-me à mente uma ideia salvadora.

« Henrique convencionara com a condessa que viria à meia-noite à sua câmara; corri à pressa a encostar a um ângulo do corredor o cadáver do conde e precipitei-me em seguida à casa da autoridade, a quem disse que tinha razões para suspeitar que o deputado Henrique da Silva pretendia naquela noite assassinar o ministro do império francês, o conde de Villemer. A autoridade ouviu-me, acreditou-me e expediu ordens terminantes a respeito.

« À uma hora e meia da noite, quando o nosso literato voltava de conversar com a condessa, foi-lhe na escada intimada a ordem de prisão, porque os agentes da polícia, já tendo feito, com precaução, as convenientes pesquisas, haviam deparado com o cadáver do conde.

« No outro dia fiz-me de vela para a Inglaterra, com o suposto nome de Antônio da Cunha.

« Passaram-se oito anos. De lá soube, pelos jornais, que Henrique, tendo sido condenado à prisão, e não podendo com resignação suportá-la por um crime que não cometera, suicidara-se.

« Igualmente soube que, alguns meses depois da morte do conde, a sua consorte propinara-se veneno; e procedendo a junta médica do Rio a exame de vistoria, declarara se achar ela grávida de um menino, que matematicamente deveria ser meu filho.

« Ultimamente, ao desembarcar do vapor, no porto do Rio de Janeiro, uma pobre mulher, apenas coberta com alguns imundos trapos, e conduzindo nos braços queimados e magros uma pobre criancinha, aproximou-se de mim com interesse, e depois que pareceu reconhecer-me, disse-me em pranto o que se segue:

« — Sr. Carlos Dumont, uma esmola pelo amor de Deus para o filho de Eugênia de Villemer!...

« Era ela.

« Tremi ao ouvir articular esse nome! E como julgasse que ele poderia despertar nos circunstantes sérias suspeitas, rápido desapareci do meio dessa multidão, aglomerada em roda da miserável mendiga.

« Eis a minha história!! »

E os três aventureiros, se houvessem nesse instante fitado o Sr. Germano, tê-lo-iam visto derramar duas grossas lágrimas por sobre as suas faces encovadas e emagrecidas.

Carlos bebeu ainda vinho.

Jorge principiou assim:

IV

— A minha história também é triste e terrível, senhores; triste e terrível, como um antro de bandido, ou qual uma pistola em mãos homicidas, prestes a desfechar-se sobre uma vítima indolente. Mesmo assim quereis ouvi-la?

— É porque não se chegou a tua vez? reflexionou Eduardo, a se enrolar mais e mais nas quentes e negras roupagens do seu capote veloso. A chuva continua a cair em cataratas rotas,

o vento, que vai principiando a agitar-se, é gélido, como as brumas do inverno, os queixos batem de frio; e é justamente ao deslizar dessas noutes de geadas e trevas, entre o esfumaçar alvacento e vaporoso de um charuto e os repetidos tragos dum copo de vinho, que as histórias negras e tristes, como bandos de corvos que esvoaçam sobre um cadáver apodrecido e fétido, são doces e suaves nas orgias.

— Neste caso venha vinho, tornou Jorge, o historiador.

O taberneiro apresentou-lhe um copo repleto, que ele consumiu quase num gole.

E principiou por estas palavras:

— « Era por uma noute, em Paris.

« Findara um baile que dera, pelos anos de sua filha, o conde de Saint-Prix; eu descera fatigado das danças, e não obstante em uma das esquinas da rua, conservando o chapéu embicado para diante, para não ser conhecido, esperava por alguém que tinha de descer do palácio do conde.

« Foi um século de inquietação.

« Entretanto ainda não tinham descido todos os convidados; haviam dez minutos que findara o baile.

« Afinal passou-me pelos olhos um capitão da marinha francesa, bonito rapagão de vinte anos, com o braço direito entrelaçado com o de sua esposa, uma linda moça loira, com quem eu havia dançado.

« Era uma espanhola. Era uma dessas mulheres, cuja presença, por mais veloz e rápida que perpassasse, deixa estereotipado na imaginação ferosa e febricitante dos mancebos o seu perfil voluptuoso e divino, de envolta com um oceano de desejos, que corroem e consomem como um cancro no peito.

« Amei-a, amei-a mais do que é possível amar-se a uma mulher bela. Amei-a tanto, que no intervalo, que mediou entre uma valsa e uma quadrilha, a um canto de varanda, depois de lhe haver revelado todo o esbrasear do meu coração de mancebo, depus sobre uma das suas cândidas mãos um ósculo de fogo.

« A espanhola corou de vergonha a esse ardente e desvairado (*sic*) beijo. Notei que os arrebiques, do pejo lhe haviam nacarado as faces limpas de seda branca; depois vi elas tornarem-se alvas, pálidas, quase lívidas.

« Sua mão de jaspe, que eu ainda conservava colada às minhas, como que maquinalmente, esfriou-se de súbito, e, em seguida, no doudejar e revolver da valsa, ao contacto do meu corpo abrasado e febril, eu senti o seu corpo molemente lânguido tremer e tremer, como bambus batidos pelas rajadas.

« Como vos disse, ela passou por mim, de ombro a ombro com o seu marido. Segui-os: andamos muito: chegaram por fim a um sobrado e entraram. Eu parei à porta.

« A noite era escura e caliginosa; os lampiões estavam extintos; não pude bem conhecer a topografia da casa, para com ela atinar no dia seguinte.

« No entanto um pensamento súbito assaltou-me a mente. Tirei o meu punhal de aço puro, feri-me no braço sem a menor hesitação, e com o meu próprio sangue asselei o palácio da minha fada fugitiva com uma cruz vermelha em uma das portadas.

« Ao cabo de alguns dias... numa noite de lua, o capitão partiu para um dos portos da França; e nessa mesma noite, ouviu-me? Nessa mesma noite, que o reflexo de um lindo céu vagamente iluminava, eu achei-me no quarto da espanhola.

« Quando entrei tudo em casa ia às caladas. Eu havia corrompido uma criada velha, que lhe servia de aia, para introduzir-me na sua câmara; assim sucedeu.

« Se me houvésseis visto nessa ocasião, conduzido pela mão dessa harpia noturna, e acompanhando-a maquinalmente, qual se fosse a sua sombra, tomar-nos-íeis por dous lêmures das trevas, que se contratassem para uma dança infernal.

« Atravessamos corredores e corredores, salas e salas, sem que articulássemos em todo esse trajeto um vocábulo sequer; o mais ligeiro ruído poderia despertar os criados, e frustrar por conseguinte a minha empresa, que era o que eu precisamente tinha determinado evitar.

« Afinal chegamos à porta do quarto da moça. A velha despegou sua mão encarquilhada e nervosa da minha, e o seu espectro hediondo e asqueroso destacou-se pausadamente do meu corpo gelado, que permanecia imóvel, inerte e sem ação, como um calunga de cera.

« Logo que, ao incerto e desmaiado reflexo do candeeiro, que ardia no íntimo do quarto da dormida, e cujos raios mórbidos transpareciam através do diáfano cristal das vidraças, essa sombra repugnante se perdeu na densidade das trevas dos corredores, eu entrei para o aposento da espanhola.

« Ela dormia a bom dormir. Tinha as bastas tranças loiras desamarradas; pareciam, assim dissolutas e distendidas ao longo das brancas e diáfanas espáduas dela, ondas de ouro que caíssem num cibório de fino jaspe; estava em um perfeito desalinho sobre o seu leito fofo e sedoso, nesse desalinho voluptuoso e langue, com que as mulheres sabem tanto prender e fascinar. Era uma imagem de alabastro, que o mais hábil estatuário invejara para modelo dos seus perfis.

« Já vistas alguma vez, às caladas de uma noite límpida, colados de receio e de estupefacção à portada de um quarto, ao esmorecido bruxulear de uma lâmpada de vidro, uma beleza que dorme tranquila e sossegada, qual um menino em um berço?...

« Não o duvido; é possível que já tenhais fruído esse gozo; mas o que, talvez, nunca nos tenha sido permitido fruir é vislumbrar doudos de desejos, uma espanhola a ressonar nua sobre um colchão de cetim, entre cobertas de damasco, uma espanhola sedutora e fascinante pela delicadeza dos seus contornos e pelo divino belo da sua imagem.

« Pois ela estava assim. Seus cabelos esparsos caíam-lhe promiscuamente pelas costas de leite; sua cabeça majestosa conservava ela apoiada sobre uma das suas mãos alabastrinas, que repousava no travesseiro sedoso; as faces eram nacaradas, os lábios vermelhos, os seios perfumosos eram cândidos e estavam nus em pelo. Semelhavam-se a dous globos de cristal na forma e no candor, porém não na sua imobilidade e inércia de pedra, porque eles arfavam branda e suavemente.

« Para que falar do resto?... Acaso compreendeis que a esse complexo de perfeição possa deixar de aliar-se o torneado de uma coxa macia e mimosa, o ligeiro assombrado de uma perna roliça, alva e sem manchas, e a pequenez de um pé de neve, cuja epiderme fina e diáfana deixa transluzir-se veuada de azul?...

« Alguns instantes levei embevecido num enleio de idiota. Passou, porém, esse estado de divino êxtase, e eu voltei a mim.

« Aproximei-me dela às surdinas. As pernas cambaleavam-me, o fôlego se me restringia aos poucos, o coração batia-me, como a um insano, a vista se me tornara turva e o corpo inteiro me ardia em febre. Por pouco não enlouqueci.

« Dei mais alguns passos e parei. Ao quase que imperceptível tropel das minhas lentas pisadas a espanhola estremeceu.

« O meu primeiro cuidado foi embuçar-me da melhor guisa que pude com o meu capote, a fim de não ser conhecido, acaso ela despertasse; porém, refletindo melhor, assentei que quanto antes devera cortar esse fio de dúvidas, sobressaltos e receios a que me atava.

« No momento, porém, em que disposto a acordá-la, deixei cair o capote aos meus pés, ela abriu os seus grandes olhos negros, soltou um grito medonho e desmaiou.

« Corri a pegá-la; estava fria como a lápida de uma campa, às brumas das desoras; julguei-a morta, e não soube mais de mim.

« Uma névoa pesada e densa passou-me pelos olhos, e eu caí sobre o leito dela. »

Jorge fez uma leve pausa.

— Ainda há vinho, Sr. Germano? perguntou.

A resposta foi o oferecimento de um copo a transbordar, que o narrador engoliu.

E prosseguiu:

— « Quando tornei ao meu estado natural achei-me deitado numa cama de colchão na sala.

« Maria, a espanhola, sentada a uma otomana junto a uma mesa, fitava-me interdita; e de quando em quando corria a sua garbosa vista pelos caracteres de um relógio, como se contasse os minutos, ao cabo dos quais eu devera tornar.

« Por meu gosto continuaria nesse enlevo a mirá-la com a melhor vontade; mas logo que ela pressentiu que eu houvera reassumido o império das minhas faculdades, levantou-se e veio pôr-se de pé junto da minha cama.

« Sentei-me. Ao ver erguer-me, corou e fixou os olhos no soalho da sala. Ao cabo de um instante fitou-me altiva, séria e impassível, como um juiz severo em frente do delinquente, de quem vai ouvir as razões justificativas ao seu crime, ou a quem tem de condenar.

« — Senhor, sois um louco, se não o homem mais atrevido que o céu cobre! falou com um acento de dignidade ofendida. Nunca na minha existência de dezoito anos tive notícia de uma tal ousadia.

Maria ia continuar naquele mesmo metal de voz grave e imponente, mas eu interrompi-a.

« — Perdoai-me! lhe disse. Eu sou um louco ou um atrevido, como dizeis, mas sou-o pelo vosso amor!...

« As faces da linda espanhola se coloriram de um vivo carmesim; parece-me que todo o sangue que lhe corria por sob aquelas veias cerúleas afluíu-lhe a cabeça de um só jacto.

« — Se não me compungisse de punir uma insolência que só reconhece por origem uma paixão cega e perigosa, prosseguiu ela, sérieis agora mesmo infeliz vítima do desabafo de uma justa vingança. Mas é que dói-me dentro d'alma castigar não um atrevimento insólito, qual o de que acabais de usar, porém uma insânia, uma doudice inqualificável, que todavia não devera nunca avançar a tanto.

« E a soberba patricia de Miguel Cervantes com um gesto imperioso dos seus belos olhos, mostrou-me a porta do corredor, que ia ter à escada, acompanhando o seu gesto das seguintes expressões.

« — Saí, Sr., saí antes que deixe de ser tempo de vos safardes em paz, da vossa louca temeridade!

« Eu levantei-me, porém não para cumprir a determinação da moça. Levantei-me, sim, para ir cair-lhe aos pés, beijando-os e acariciando-os mesmo assim metidos em suas macias chinelas de veludo encarnado, qual se representasse o papel de um submisso cãozinho de colo.

« — Oh! disse, deixai que eu goze, ao menos, a suprema felicidade de admirar-vos por mais um momento! Sois tão linda que vivendo-se ao pé de vós não se pode viver senão em um profundo êxtase!

« E continuei a oscular-lhe os sapatos, como se osculasse os próprios pés dela, nus em pelo.

« — Levantai-vos, levantai-vos! bradou com força, depois que derramou sobre mim um olhar não sei se de paixão, ou se de desdém. Levantai-vos, eu vo-lo mando.

« Estas palavras soaram-me com tal energia aos ouvidos, que por um impulso natural só ergui-me.

« — Não vedes, continuou no mesmo tom de expressão, que a noite se adianta rápida e que não podeis amanhecer sob este tecto?! Doudo ou atrevido, homem ou demônio, a minha qualidade e condição exigem que abandoneis quanto antes o meu santuário doméstico, em que nunca puderam penetrar perdidos da vossa laia.

« Permaneci imóvel, não obstante aquela razoável admoestação.

« E quando, ao cabo de dous minutos de silêncio, dei um passo e a moça por sem dúvida julgou que eu ia deixá-la por uma vez, lancei-me sobre ela, peguei-lhe das mãozinhas cetinosas e delicadas e cobri-as de beijos de fogo.

« Foi uma insânia, porque no esforçado movimento que fez para libertar-se dos meus braços de ferro alcançou a campainha que repousava sobre a mesa de mármore de meio de sala e agitou-a apressada e fortemente. Esse som fino e penetrante feriu-me de perto os ouvidos e fez-me tornar ao normal estado das minhas potências, porque eu, em verdade não me achava em mim.

« Quis pular pela varanda; foi tarde; à porta da sala assomou pálido e espantado um velho gascão que exercia as funções de guarda-portão da casa.

« Ao ver-me deitou-se sobre mim como um jaguar sobre a vítima, armado de uma baioneta calada à extremidade de uma vara, com que atirou-me um golpe ao crânio.

« Eu, porém, cauto e agilmente desviei-me de súbito, saltei sobre ele, agarrei-o pelos longos bigodes grisalhos e cravei-lhe o meu punhal no peito. Ressoou quase ao mesmo tempo, o baque de dous corpos no pavimento da sala: o gascão caiu assassinado e Maria em um segundo acesso de desmaio.

« Desci. Ao cabo da segunda escada encontrei-me com Catharina, a velha que me guiara ao quarto da espanhola.

« Tudo ignorando, aproximou-se de mim e pediu-me a paga da sua corrupção com a maior desvergonha possível; dei-lha. Mas depois, cheio de cólera e de indignação por ter sido desapontado no conseguimento dos meus reprovados fins, parti à velha, peguei-a pelas brancas e raras melenas, sacudi-a, arrastei-a de escada a baixo até ao último degrau, que era de pedra, e nele bati com o crânio dela, que desfez-se em estilhaços à primeira pancada.

« Saí como um desesperado. As ruas estavam desertas, graças ao adiantado da noite; ainda bem, porque me parece que, no horroroso destino em que eu ia, cravaria o punhal sobre o coração de qualquer que encontrasse antes de tomar à minha casa. »

O aventureiro parou por um momento para descansar; o taberneiro lhe disse:

— Continuai.

— Sim, vamos logo com a conclusão desse desenxabido conto, acrescentou por entre os dentes o moço loiro. Estou ansioso por confiar também às vossas atenções algumas lembranças negras do álbum de minha vida.

Carlos, que quase dormia, boquejou estrepitosamente, sinal mui provável de que a narração corria-lhe fastidiosa. Jorge, despeitado disse:

— Pois bem. Se pouco ou nada vos agrada ou interessa a minha pobre história, vou já concluí-la, cortando tudo quando (*sic*) com ela possa ter outra relação, que não seja essencial.

— Me desagradais com isto, Sr. Jorge, admoestou o Sr. Germano. Pelo meu gosto contar-nos-íeis circunstanciadamente todos os pormenores desta vossa linda narração.

Eduardo riu-se ao epíteto de *linda* dado pelo taberneiro à história do seu companheiro de convívio; Carlos bocejou ainda a palavra *narração*.

— Mais um pouco do Baco, exprimiu-se o historiador, dirigindo-se ao taberneiro.

Depois de haver bebido um outro copo cheio até as bordas, prosseguiu:

— « Meses depois dos acontecimentos narrados, por uma noite em Madri, por uma noite de luar belo e langoroso, eu jazia deitado, em lascivo delírio, no leito conjugal de Maria, a espanhola. »

O taberneiro sentiu uma forte emoção de tremor, que rápido desvaneceu-se; Jorge disse:

— « Que noite essa!... Foi levada inteira na embriaguez de um deleite de amor aos lábios macios da desposada, como quase todas as outras noites passara-as eu no deleite; de uma embriaguez de vinho às coxas da mundanaria (*sic*)!... Foi um gozo divino, de que ainda agora, ao recordá-lo, coa-me pelos cansados membros uma sensação deliciosa, que julgo será eterna em minha vida!

« Ela jazia naquele mesmo arrebatador desalinho de que, há pouco, vos falei. Era bela tanto quanto pode ser bela uma espanhola nua! Tendo os olhos um pouco amortecidos pelas sensações do deleite, as faces levemente empalidecidas, os lábios meio desbotados do seu vivo acarminado (*sic*) e parecendo em sua cor com a que enrubesce uma pétala de rosa, o colo arfante, as pernas um tanto trêmulas, assemelhava-se a uma donzela, meio virgem ainda na primeira noite dos seus desposórios.

« O mundo não me lembrava aos olhos dessa mulher: Madri, tão risonha e majestosa, representaria para mim um caos de dores, de indiferença, de abjeção, de tédio e de lei, se ela me faltasse um segundo sequer, na ausência do capitão.

« É verdade, tinha-me esquecido de dizer-vos que o capitão havia embarcado com rumo a Paris, quinze dias antes dessa noite.

« Foi um gozo eterno e contínuo, de todo o dia e minuto.

« Maria cada vez era mais feiticeira e atraente aos meus olhares de embriagado! Só nos lábios dela é que eu encontrava o prazer, o mel, a vida; a vida inteira de minha alma febricitante.

« Depois do almoço, do jantar, a (*ilegível*), ela, ao passeio, sempre ela me (*ilegível*) os loucos sonhos da mocidade, e despargia com largas mãos sobre a minha alma um (*ilegível*) perene de gozos nunca sentidos de prazeres jamais gozados.

« Ah!... como as imagens cândidas desses tempos felizes me estão ainda gravadas nesta fronte, queimando e envilecida hoje pelas insônias dos prostíbulo e pelos beijos pestilentos das meretrizes!... Então eu era imensamente venturoso ainda, porque as minhas tendências pendiam a sentimentos de amor; agora sou incapaz, inteiramente incapaz de amar; depois dessa paixão estremecida e fervorosa a que me expandi por Maria, a espanhola, o meu amor cifra-se num gozo abjecto e nefando que se termina pela saciedade a um colo amarelento e frio e a uns lábios visquentos e impuros de alguma prostituta!

« Passaram-se dias, um mês, dois e três nesse labutar quotidiano.

« Ao meado do quarto o capitão voltou da expedição em uma noite de trovoadas horríveis.

« Era meia-noite. Lembro-me bem.

« Eu acabara de sugar dos rubros beijos dela delícias do paraíso, e permanecia esmorecido e em desmaio aos seus joelhos, sobre os cetins do seu leito, quando bateram à porta.

« Tremi. Ela também tremeu; uma só ideia nos tomara, às súbitas, a nós ambos.

« — É Gonçalo, disse-me ela pálida e fria de terror. Gonçalo era o capitão.

« Oh!... e como era bela assim!... Talvez nunca a fora tanto!...

« Com as auras madeixas em desarranjo a banharem-lhe de aromas o colo palpitante e gordo podia passar pela imagem animada da voluptuosidade.

« — Saí, acrescentou-me em seguida a tiritar sempre e sempre; fazei por evadir-vos.

« Foi um instante, enquanto vesti-me, porque o capitão começava a esmurrar a porta.

« Quando trepei-me em uma cadeira para alcançar um grande claro que ia dar ao jardim, os vidros da porta da alcova estalaram e Gonçalo entrou, precipitou-se sobre mim, como um novo céberbo, e disparou-me um revólver que trazia na mão direita. O primeiro tiro falhou, mas, um segundo levou-me uma maunça de carne de sobre o ombro, dando-me todavia capacidade de atracar-me com o capitão.

« Foi um lutar continuado e renhido! Ele porém era forte, rijo e vigoroso, e pôde por isto deitar-me ao assoalho e cravar em meu peito uma lâmina de aço, que todavia não me penetrou até ao coração, por um rápido desvio, que operei com o corpo.

« Julgando-me morto, ele correu para Maria, que se sorria terrivelmente a gargalhadas soltas, imóvel, de pé, com os pés descalços, sobre o travesseiro da cama. Gonçalo não respeitou-lhe a insânia: arrastou-a pelas bastas e compridas madeixas loiras até ao pé de si, deu-lhe repetidos golpes sobre o mimoso colo de alabastro, rojou-a aos seus pés, cuspiu-lhe de raiva, de desprezo ou de vingança nas faces pálidas e limpas, e depois pisou-a no seu rosto divino por diversas vezes, como um endemoninhado, ou qual se julgasse pouca toda a vingança tomada. Estava terrível como o anjo do mal! Dos olhos de chacal chamejavam-lhe centelhas, e das duas extremidades da boca selvagem escorriam-lhe cachos de baba lívida.

« Nesse crítico momento horrorizaria a qualquer que se propusesse fitá-lo, exceto a mim, que furioso e possesso em face do bárbaro procedimento que acabara de ter com Maria, levantei-me como um espectro, com o meu punhal empalmado na mão direita e prestes a feri-lo.

« Efetivamente, havendo-me deitado a ele mutilei-o no peito com tal prumo e certeza, que prostrei-o; porém, prostrei-o depois que o meu golpe foi retribuído por outro, que sendo dirigido ao meu coração aparei com o braço esquerdo. Ainda hoje guardo dele a funda cicatriz. »

E o historiador, tendo safado a manga do seu paletó de pano azul e a de sua camisa de branco linho, mostrou aos três espectadores uma nódoa profunda em forma de triângulo, ao longo da extremidade do seu antebraço esquerdo.

O mestre Germano derramou sobre essa cicatriz de cor achumbada um raio de vista indagadora e perspicaz, enquanto que Jorge continuava nestes termos:

— « Depois disso, reuni todos os meus fugitivos alentos e esforços e corri para uma janela da sala de visitas, saltei por ela para o jardim e ocultei-me nas árvores, quase morto de fadiga e ainda mais pela copiosa sufusão de sangue.

« Caí extenuado à sombra dessas árvores frondosas.

« Creio que nesse terrível estado levei algumas horas esquecidas, porque quando voltei a mim a madrugada raiava pelos plainos do firmamento e a bafagem macia da manhã me inebriava com os seus perfumes.

« Levantei-me trôpego e vacilante. Escutei. Era um silêncio de túmulo no palácio do capitão.

« Audaz, como sempre, assaltou-me a lembrança de voltar à câmara de Maria para vê-la pela última vez, caso ainda ela ali jazesse encerrada.

« Trepei-me na muralha, apeguei-me à ramagem de uma árvore gigantesca que sobre-erguia-se a todas as outras e pude alcançar a fenda larga e comprida, por onde algumas horas antes pretendia subtrair-me à vindicta do marítimo.

« Quando saltei dentro do quarto, que estava em trevas, tropecei nesse corpo escorregadio e frio, que, apalpando, reconheci ser o da espanhola.

« Tateei nessa escuridão de limbo por alguns minutos em pesquisa do cadáver de Gonçalo, mas não o encontrei, o que não deixou de despertar-me vivos terrores, porque sem conhecê-lo intimamente, ou, por instinto, estava convicto de que um dia ele vingaria-se de mim.

« Mas depois essa ideia terrível foi ofuscada por uma outra não menos terrível, que pus em realização. »

— Qual foi ela? interrogou Eduardo com curiosidade.

— Dize logo, acrescentou Carlos, que para o final da história fora ligando a ela algum pouco de interesse.

Jorge bebeu e disse:

— « Quereis sabê-lo?... Nesses restantes de noute fui ainda beber algumas gotas de leite a essa vulva húmida e fria de espanhola, ouvistes?... »

E cambaleando ao pressivo do vinho, disse às tontas, estas últimas palavras:

— « Eis o meu conto. Está cumprido o meu compromisso. »

E tombou de embriagado entre os poucos lençóis de sua humilde cama. Reinou silêncio por um instante. Uma ventania desabrida soprou do lado do mar.

Eduardo, o pálido qual uma lua de inverno, o poeta enchafurdado e envilecido nos lupanares e alcouces, o moço loiro italiano, que apreciava com mais frenesi a narração de uma história imoral e diabólica, recostado ao travesseiro sebento e sujo de um leito abjecto de prostituta, do que a suave leitura de um salmo inspirado de David, feita outrora por seu pai, nos serões da meia-noute, aos pés de uma macilenta imagem do crucifixo, falou também por sua vez.

— « O álbum de minha vida está repleto, disse. Todas as suas páginas de sangue se acham escritas, mas com caracteres de luto: é um perfeito livro negro. O que de menos negro e lutuoso corre por essas colunas de tinta é o seu prefácio; eu principiarei por ele.

« Aos meus dezoito anos, na Itália, amei uma virgem.

« Dizer-vos que era encantadora seria uma ociosidade; porque todos compreendem que a primeira fibra de amor do coração de um poeta só pode ser vibrada pelo que há de mais sublime, pelo que há de mais santo e pelo que há de mais belo.

« Não é uma vaga e quimérica fantasia do meu poetar de mancebo, o que vou a dizer-vos; não entendais desta guisa.

« Julieta, a morenita napolitana, a casta e pudibunda filhinha de Genaro, o joalheiro, seria por sem dúvida a decantada Julieta do Romeu do poeta, se ela nesse tempo já pudesse existir.

« Era bela, bela como um lânguido filete de sol nascente por sobre a trava de uma cruz de mármore, à esplanada do pátio de um templo arruinado.

« Era um anjo mimoso e cândido de fazer alucinar-se de amor por si qualquer homem que não fosse uma estátua de bronze, uma alma sem sentimentos, ou uma cabeça bombástica de inglês.

« Nós nos endeusávamos pelo amor, como se as nossas almas não representassem mais que os reflexos de um mesmo corpo de luz. Nunca, que eu saiba, por esse turbilhonar da vida mundana perpassaram dous espíritos que tanto se irmanassem. Era uma maravilha.

« O nosso amor levou-nos enfim a jurarmos casar-nos. Juramo-lo aos pés de uma imagem de Cristo, pelo tombar de uma noute sossegada e pura como as crianças de um mártir de Deus.

« As nossas testemunhas desse ato majestoso foram mudas, porém solenes, Deus, o infinito do céu, o silêncio da noute, o reflexo cambiante das estrelas, a viração perfumada das desoras.

« Uma tarde fui visitar Julieta.

« Não era bem tarde ainda. A noite começava a despenhar-se da cúpula dos pinheiros e das sumidades das montanhas, como um lençol de névoa escura; mas ainda vislumbravam-se, ao fitar-se o ocaso, os derradeiros e incertos lampejos do sol poente, já modorrado entre os brancos coxins de espuma do oceano.

« Entrei no humilde casebre de Genaro e não o encontrei ali, como quase sempre, nem também à Julieta.

« Fiquei porém surpreso com a ausência desta última, porque além de ser modesta e tímida, ela era naturalmente retraída e reconcentrada; e indagando eu nesse sentido de alguém da vizinhança, as palavras, que me disseram em resposta foram estas:

« — Pois não soubestes ainda, senhor?... A Julieta do Sr. Genaro foi agora mesmo ao templo para ser recebida em casamento pelo mancebo Giovanni.

« Se empalideci, se corei, se tremi ou se permaneci inabalável e impassível, como um cedro sem folhagem, não vo-lo sei dizer.

« Depois pensei que aquilo era uma chacota ridícula, ou uma calúnia revoltante feita a mim em desfavor à minha Julieta, e então todo o sangue das minhas veias correu-me ao cérebro revolto, e eu fixei meus olhos turvos, com ar de invulnerável descrença, na pessoa que me havia dado aquela informação.

« Fui perfeitamente compreendido, porque ela repetiu e repetiu ainda tudo quanto havia antes aventurado, acrescentando mais o seguinte:

« — Oh!... senhor!... Já que nada é suficiente a fazer-vos convencer desta verdade, demorai-vos por aqui um pouco mais, que em breve vê-los-eis voltarem de braços entrelaçados e tão satisfeitos de si, como dous pombos.

« Ao ouvir tais expressões o meu primeiro pensamento foi esperá-los.

« Mas depois, envergonhado de mim próprio, e receoso também dos irresistíveis impulsos do meu gênio indomável e vertiginoso, entendi que a mais sensata medida a tomar era ausentar-me.

« Fi-lo incontínenti.

« Mas no instante em que ia a voltar à esquina da rua, vi-os com efeito entrar no albergue de Genaro de braços entrelaçados e tão satisfeitos de si, como dous pombos, segundo o fraseado da desinteressada vizinha de Julieta.

« Tive muita vergonha então, tomei-me em seguida de uma fúria de tigre, e mordi-me nos próprios braços, como um possesso, ao só pensamento de que essa mulher que eu reputava o símbolo da castidade e pureza havia zombado e iludido traiçoeira e tiranicamente

os meus mais belos, lisonjeiros e puros sonhos de poeta. Mordi-me de raivoso, que achava-me, à presença do despojo e infame deleixo de Julieta em face do seu esposo, e, para desabafar-me, cravei a uma árvore o meu pontiagudo punhal até ao cabo. Não sei por que me não suicidei.

« Depois disto abracei uma determinação decisiva, perigosa, horrível.

« Voltei à casa de Genaro, que se havia retraído ao seu gabinete de trabalho, e que no momento do meu ingresso nele, se ocupava em arrumar na gaveta da sua mesa vetusta e poenta, os braceletes, com que a noiva se adereçara.

« Ao ver-me, estendeu-me a sua mão calejada, que formalmente recusei com estas palavras firmes e graves:

« — Senhor, sois um infame, um infame indigno de apertar a mão de um mancebo, que, como eu, preza mais a sua honra e a sua dignidade do que, talvez, a própria felicidade do céu!... Sois um infame, não me retrato, um ente desprezível e vil, como uma toupeira, ignóbil e venal, como um agiota, sem alma, nem coração, como um demônio, sem consciência, nem critério, como um insano!

« O velho ergueu-se pronto e lesto, lançou mão de uma faca, que descansava à superfície da mesa e fitou-me espantado.

« — Prometestes-me a mão de Julieta, continuei no mesmo metal de voz pausado e decoroso, e na mesma posição resoluta e inalterável, prometestes-me a mão de vossa filha e acabais de vendê-la ignobilmente a esse moço Giovanni, talvez porque do seu ofício de timoneiro resultam a vós mais réditos e lucros do que do meu de pintor. A promessa, que me fizestes foi injuriosamente cuspada, e a jura de que jamais nos uniríamos a outros que não fôssemos nós mesmos, pronunciada por mim e por Julieta, às caladas de uma noute pura e solene pelo seu silêncio de sono eterno, tendo por direto e presente testemunha uma santa efigie do Mártir do Calvário, foi ludibriosamente escarnecida e menosprezada por ele. Pois bem: venho pedir-vos a reparação dessa afronta que me atirastes ao rosto, e que sobre as minhas faces, até então imaculadas de estigmas de infância, pesa e dói, como uma barra de ferro em brasa; para tomar contas do perjúrio dela aí está sempre imparcial, impassível e reta a santa justiça do céu. Eu, como vedes, aperto entre os meus dedos, um punhal de rija e branca lâmina, e vós, ali sobre essa mesa, conservais um outro de não inferior e menos duro aço! Compreendeis-me?!... Ou o vosso pus de verme (porque nas vossas veias não corre sangue) delir-me-á das faces essa mancha infamante, ou no meu sangue de puro e honrado italiano saciareis ainda mais a vossa sede de harpia!...

« Genaro quis falar, mas conteve-se por um momento. Esse momento de perplexidade da parte dele se me apresentou com as aparências de um século de dúvida. Oh!... que luta acerba, terrível, infernal, não senti nesse instante agitar-se e torvelinhar nas arcas de minha alma em fogo e em febre!...

« O velho, que até então se portara altivo, encorajado e a modo de decidido a erguer da face rugosa a luva negra de desafio, que eu lhe acabava de rojar a ela, tornou-se de chofre pusilânime e medroso, a ponto de deixar escorregar-se dos dedos finos e ossudos a faca, de que se apoderara ao ouvir os meus primeiros vocábulos de desafronta.

« Creio que foi tomado de um terror pânico fora de proporções naturais, porque em seguida escancarou uma das janelas que davam para a rua e correu a precipitar-se por ela. Julgando que ele escapar-me-ia daquela vez sem a devida punição do seu revoltante ato, agarrei-o por uma das pernas, fi-lo cair estirado aos pés de mim, cuspi-lhe na face uma gota de baba espumante, que se me exalava por entre os lábios e assassinei-o! Ele soltou um grito surdo e abafado e cerrou as pálpebras arroxeadas; estava morto.

« Sem um segundo de demora precipitei-me para o interior da casa, cujos fundos, rematando em um pequeno morro relvoso, davam para um lago profundo.

« Giovani e Julieta ali se demoravam sentados a um banco de pedra, dizendo-se naturalmente frases amorosas e apaixonadas. Ele conservava entre as mãos uma das madeixas da moça, em quem fitava olhares, que só uma alma de noivo é capaz de compreender; Julieta concertava os baleados amarrotados do seu vestido branco.

« Cego de cólera atirei-me a ele, como um raio, e apunhalei-o inesperadamente. Julieta ao lóbrigar-me quis fugir, porém, foi baldada a sua louca tentativa: peguei-a pelos braços débeis e delicados e joguei-a à superfície do lado. Por um instante as brancas roupagens do seu vestido sustiveram-na a debater-se inutilmente contra essas águas sossegadas e mortas; depois, a sua cândida imagem submergiu-se e desapareceu. »

— O amor?!... Eis aí o que é o amor de mulher, mancebo! disse o narrador com amargura. Falai-me em tudo que possa existir de mais inexequível, ilusório e fantástico, falai-me das riquezas fabulosas de Edmond Dantès, da salvação da alma danada do Judas Iscariotes, o mau discípulo, ou da imortalidade dos ingleses, que eu os crerei. Mas não me trateis nunca de um amor de mulher, que seria uma irrisão!... Um amor de mulher!... Se o amor se traduz por essa tendência ao vanglorioso da vida, tendo por meios conducentes o cálculo e o egoísmo, a ambição e o orgulho, convenho que a mulher possa amar. Porém, se como definem os poetas, ele não é outra cousa senão esse sentimento nobre, suave e sublime

que une dous corações e duas almas, como os dous anéis de uma cadeia, que faz que os pensamentos e as ideias de um, não sejam mais que os raios reflexivos do intelecto do outro, que arrasta até à abnegação de si mesmos, dous espíritos, que se compreendem e identificam como dous serafins humanados, afirmas comigo sem receio de errardes, que o amor de mulher é um mito, ou a criação de uma fantasia estulta e lunática.

Eduardo permaneceu um segundo pensativo.

E como o frio continuasse com maior intensidade a se desenvolver por aquela atmosfera vaporosa de botequim, Eduardo falou ao taberneiro nestes reais vocábulos:

— Tendes por aí cognac, Sr. Germano? O cognac desempenha para mim, nestas noutes de geada e frio, o mesmo papel, que representa um cigarro para o marinheiro, uma noute de lua para o poeta, o silêncio das dez horas para o pensador, a meretriz para o soldado. Cognac, Sr. Germano; uma gota desse *lacryma christi* sequer.

Depois de haver absorvido num hausto um copo do licor pedido, o poeta prosseguiu:

— À proporção desse triste episódio, outros muitos poderia contar-vos eu, porque a cada página do livro da minha vida se acha estampado um sem número deles, sempre negros, como um corvo, sempre tristes como um anjo de cemitério, sempre horríveis e medonhos, como o cadáver de um réprobo.

« E se não, escutai:

« Corria uma noute, em Londres.

« Chovia, como está chovendo, uma catarata pesada e glacial. A noute estava trevosa, o ar abafava, as ruas jaziam despovoadas, um silêncio profundo, apenas descontinuado pelo bater das gotas d'água sobre as calçadas, dominava em toda a cidade.

« Numa taberna ou tasca, dos fundos de uma casa imunda e doentia na extremidade de uma rua deserta, eu e mais dous perdidos da minha laia jogávamos a dados.

« Havia muito tempo que consumíamos as horas da noute nesse trabalho aturado e ilícito. Eu já tinha perdido tudo o que possuía de meu dentro das algibeiras alinhavadas: os dous ingleses, práticos e peritos no atirar dos dados, ganhavam sempre.

« Ao cabo de mais alguns minutos fiquei exausto; achei-me depenado, como uma galinha nuela: chapéu, camisa, sapatos, numa palavra, todo o meu modesto fato era já propriedade dos malévolos londrinos.

« Ia já a depor o copo sobre a mesa e levantar-me enfiado e taciturno, como de ordinário se levanta todo o jogador que sai perdendo, quando lembrei-me de uma cruzinha de

ouro maciço, dádiva que recebera da mão de minha mãe, no apertado e crítico momento em que tive de fugir de Nápoles, por causa dos três assassinios que havia cometido.

« Feliz e salvadora ideia!... Sentia uma comoção indizível de prazer e de surpresa, e decorrido um segundo, atirei de novo os dados dentro do meu copo e rolei-os outra vez sobre a mesa, em sinal de quem possuía ainda alguma cousa, sobre que pudesse aventurar-se.

« Os ingleses fitaram-me atento: um deles disse-me:

« — Fazei mesa, senhor.

« — Correi os vossos dados sobre esta *moeda*, expressei-me eu, mostrando ao mesmo tempo, através da abertura da câmara, a cruzinha preciosa, que pendia-me do pescoço sobre a volta de uma fita escarlate.

« O inglês, a quem eu me dirigira, pareceu duvidar da realidade do que acabava de presenciar, porque às súbitas levou a sua espaçosa mão aos olhos pequeninos e torvos pelos vapores do vinho, como que para certificar-se de que não sonhava.

« — Falais sério? perguntou-me com incredulidade.

« — Falo mais sério do que se me confessasse dos meus pecados a um padre de boa vida, tornei-lhe com gravidade.

« O inglês arregalou mais e mais os seus olhinhos de pombo, qual se pretendesse, naquele momento de esforço, expeli-los, de uma só vez, das suas órbitas lívidas; o outro estava boquiaberto e suspenso de estupefacção.

« — Correi os dados, já vo-lo disse, repeti impaciente, porque às duas horas tinha eu de comparecer a uma conferência amorosa e faltavam apenas oito minutos para o relógio da taberna fazer soá-las.

« Não hesitou mais um só instante. Os dados rolaram na mesa, e eu perdi a dádiva de minha mão.

« Levantei-me furioso e desatinado, chamei a ambos de ladrões ou roubadores, e atirei o copo de sola à cara do que me havia ganho a cruz de ouro.

« Ele ergueu-se vacilante e pesado, e engatilhou um revólver, que trazia à algibeira.

« — Nem um passo, nem um só passo! lhe disse com voz vibrante.

« — Sois um estulto, disse-me o outro. Não vedes que somos mais que suficientes para esbandalharmo-vos aos nossos pés, como se fôsseis um copo de vidro?...

« — Enganai-vos, enganai-vos, meu tonto, tornei-lhe; mesmo porque nem eu em tempo algum me disporia a brigar com salteadores, nem vós com as vossas fumaças de nobres cavaleiros e magnânicos vos lançáreis jamais sobre um homem inerte.

« — O que pretendeis então? perguntou o, a cuja face eu tinha manejado o copo dos dados (*sic*). Acaso supondes que, porque não apertais em vossos dedos uma lâmina de ferro, gozais do direito de cuspir-nos injúrias, insultos e impropérios?

« — Ah! meus senhores, se em minha mão repousasse agora o cabo daquele esguio punhal, que há pouco roubaste-me, à custa de dados falsos, talvez que neste momento não vos fosse mais permitido articular um monossílabo. Há instantes disse-vos que nunca encruzaria o meu ferro com o de um salteador; mas retrato-me: salteadores do vosso jaez é impossível recusar-se um *retruco*, porque os seus *trucos* são por demais grosseiros, descomedidos, e quiçá, petulantes.

« — Safai o vosso chué uniforme e entregue-me a cruz, que vos ganhei, pobre mendigo, tornou-me o atrevido, tornou-me o atrevido compatriota de Byron (*sic*), acompanhando estas palavras de um riso meio sardônico de enfurecer um mancebo italiano.

« — Mendigo! mendigo!... repeti alucinado. Infame raça do Caim renegado da Escritura, se desejais conhecer, até onde vai a coragem de um italiano, mutilado no seu melindre, restitui-me o meu punhal!

« E pegando, pela abertura, da camisa, na minha única relíquia da casa paterna, a uma forte sacudidela, parti a fita, que a prendia e joguei-a com raiva sobre a mesa.

« O inglês, naturalmente pretendendo ser tomado por um novo Roldão do Carlos Magno, pegou pela ponta o punhal, que me ganhara ao jogo, e atirou-mo com desdém. Agarrei-o nos ares pelo cabo: ambos apreciaram por um rápido movimento de admiração que me não escapou, a minha esperteza e agilidade.

« Indo as cousas neste pé de seriedade conjecturei um pouco sobre o modo de captar de uma vez o terror daqueles energúmenos. A questão cifrava-se em pôr eu em realização uma ação de natureza e notabilidade tal que angariasse-me o respeito ou a estupefacção da parte deles para desse modo furtar-me às suas mãos de Rolantes; por outro meio ser-me-ia impossível chegar ao conseguimento desse fim, porque, de um lado a evasão ou a fuga, além de repugnar com os meus sentimentos de dignidade, me seria inexequível, e de outro a luta com esses dous colossos de matéria importaria matematicamente o meu total aniquilamento.

»

Eduardo interrompeu-se, tomou alguns goles de cognac, soltou aos ares algumas fumaradas esbranquiçadas do seu charuto e falou aos que atentos escutavam-no com sepulcral silêncio:

— Sabeis o que pratiquei para derramar naqueles corações vinosos de britânicos influxos de respeito e veneração por mim? Ouvi.

« Empertiguei-me, como um mosqueteiro em fila, fitei-os com olhares de pantera, apertei com toda a potência do meu braço o punhal na mão e bradei-lhes:

« — Não tremo; pagãos abjectos e satânicos; bem o vedes. A escorva de vossos revólveres decerto não atearão chama contra mim, porque o vosso dedo é inerte para incendiá-la. Agora se compreendeis que o pálido napolitano, que vos fala neste momento, ficará esmagado sob o peso do vosso corpo de gigante, lançai-vos a ele. Oh! Sim, ladrões ou roubadores sem carácter e sem vergonha, se a tanto se aventurar o vosso descomedido orgulho de sicários, em breve gozarei a ventura e o prazer de espetar-vos na ponta deste punhal com a mesma facilidade, com que vou espetar a cruz de ouro, que acabais de roubar-me.

« E pronunciando estas palavras com o mais expressivo acento de cólera concentrada, rápido cravei o sacrílego ferro sobre o topo da relíquia santa sem o menor laivo ou vislumbre de escrúpulo, cerimônia ou consideração, devida a essa imagem veneranda do Mártir da montanha, como se o ferro houvesse penetrado na fronte suarenta e rubra de um dos meus antagonistas.

« Destes, um recuou espavorido e horrorizado àquela terrível cena de desrespeito e diabólico desdém ao dossel do Cristo, representado por mim; o outro insensivelmente deixou cair da mão trêmula e gelada o revólver engatilhado, que, à contusão no sórdido tijolo da taberna, disparou-se com infernal estampido. O melhor, porém, de toda esta aventura é que, quando o fumo do tiro esvaeceu-se, não restava no recinto daquela taberna, como lembrança dos dous filhos de Albion, senão as suas grandes pegadas impressas na camada lamacenta, que o tapetava, como uma alcatifa de lodo, e o esfumaçado revólver que, (em boa hora o digo) alguns minutos depois vendi por dous *soberanos* ao próprio dono da imunda tasca. »

Depois de uma ligeira interrupção, o historiador voltou-se para os seus dous companheiros a quem dirigiu estas expressões, à semelhança de quem queria verificar-se se o escutavam:

— Dormes, mancebo?...

— Pareces um tolo, Eduardo, disse Carlos com enfado. Acaso ignoras que nossas noutes de invernada e de gelo, quando os membros se contraem ao frio e os músculos se (*ilegível*) aos beijos das lufadas noturnas, a não dormir-se sobre um coto ofegante de Gauthier, o sono é tão impossível, como sobre um campinal de neves?!...

— Pois então escutai ainda, retrucou o napolitano (*ilegível*) e afervorada.

Bebeu, fumou e disse:

— « Uma vez, em Paris, pelo correr de uma noite umbrosa, asfixiei uma virgenzinha costureira, por se não querer prestar-me à sociedade de um deleite libidinoso do demônio, sob uma das lodosas arcadas do Louvre, e outra vez, na Alemanha, separei a cabeça a um cardeal, que viajava a serviço do papa, por saber, melhor do que eu, atirar ao alvo. Que quereis? Sou um demônio em pessoa, talvez o próprio Satã humanado; não é possível mesmo que por toda essa vasta esfera terrestre haja quem arraste, aos poucos anos da minha idade, um manto de perdição tão ensanguentado e hediondo, como o que me cobre o perfil. E, se o duvidais, ouvi-me ainda um pouco. »

O taberneiro apresentou-lhe um copo de cognac: o perdido vazou-o de um sorvo e continuou:

— « Um céu caliginoso enrolava uma noite a cidade de Madri.

« Era uma hora da noite. Eu saíra, cambaleante de raiva por não ter podido dormir alguns quartos d’hora ao leito morno da mulher de um negociante, como havíamos convencionado em consequência de um incidente imprevisto, e vagava pelas ruas da grande cidade, arrancando-me os cabelos e dizendo-me anátemas.

« Andei muito, mas sem rumo e sem destino, como um vadio, até que fui ter aos destroços de um templo caído. Já estava fatigado do muito andejar; sentei-me de fadiga.

« Um quarto de hora permaneci naquela soledade, sepultados na nudez desse eloquente retiro das ruínas de um templo, contemplativo e absorto, como um poeta aos pés de sua amante. Depois, ao peso do cansaço e ao friorento das desoras caí de sono.

« Quando despertei, madrugava. Mas, como a atmosfera ia plúmbea e nublada, fazia escuro ainda.

« Ao cabo de algum tempo um vago sussurro de vozes abafadas veio ferir-me os ouvidos. Levantei-me presto e apalpei nas trevas o meu punhal. Eram dous vultos pardos que falavam, e cujo aparecimento pude distinguir após essa camada negra, que se me antolhava, como uma cortina de tinta.

« Logo que eles passaram em frente dos fragmentos de paredes que me abrigavam, pude conhecer que uma dessas sombras noturnas era um homem, e a outra uma mulher. Então um pensamento infernal germinou-me no cérebro. Sabeis-lo?... Era o de privar da existência a um homem para servir-me alguns minutos de uma mulher, que eu não sabia ser anjo ou harpia, sobre os pedaços de tijolos carcomidos e musgosos dessas ruínas silentes. Era uma ideia sangrenta e maligna, porém à cuja execução ninguém se me oporia, porque a fome do gozo de sensualidade me corroía as entranhas.

« Dei um passo para diante; ao verem-me, ambos pararam igualmente, como se um só pensamento os assaltara naquele instante.

« — Sois vagabundos? perguntei-lhes.

« — Somos estrangeiros, respondeu-me o homem.

« Aproximei-me e disse:

« — E não sabeis que as nossas leis proibem expressamente o trânsito público antes das seis horas da manhã e depois das dez da noite?...

« — Até ao presente ignorávamos.

« — Muito bem, tornei-lhe. Mas como a ignorância de direito não aproveita a ninguém e vós formalmente acabais de transgredir uma lei vigente, convido-vos a me acompanhardes à prisão.

« — À prisão!... disseram ambos, como que maquinalmente, recuando.

« — Já vo-lo disse. As nossas leis são inexoráveis; não há que retrucar.

« — À prisão, à prisão! repetiram eles, recuando sempre.

« Disséreis que uma aluvião imensa de reminiscências ou pensamentos dolorosos aquela minha palavra lhes despertara fatalmente na memória ou na imaginação, atentas as emoções de dúvidas, perplexidade, horror ou receio, que claramente ressumbravam do seu perfil confuso, incerto, ora agitado e medroso, ora impassível, resignado e resoluto.

« — Sim; que de extraordinário achais nisto?... perguntei com azedume e enfado, e já agarrando pela abertura da *blouse* ao incógnito estrangeiro.

« — Oh! isto não é terra, nem polícia! bradou o indivíduo profundamente encanizado com o meu modo insólito de policiar e, certamente, ainda mais com aquela minha fantasiada disposição de lei. Soltai-me, senhor! Não vedes que seria tirania ou despotismo encarcerar um homem, chegado aqui, apenas há dous dias, e que por isto não tem razão de conhecer as leis do país?!...

« — Oh! sim, deixai-o, deixai-nos pelo céu!... falou pela primeira vez a sua companheira.

« E aquela voz fina, grave e retumbante, penetrou-me naturalmente até ao âmago d'alma. Apostaria que ela me não era desconhecida, se naquele momento alguém houvesse querido apostar comigo sobre tal objecto.

« Mas eu nada disse.

« E como o estrangeiro se obstinasse em permanecer na firme e inabalável resolução de não querer acompanhar-me à cadeia, dei-lhe uma bofetada, empurrei-o com força e ele, cambaleando, caiu com a face sobre os meus sapatos.

« A mulher despenhou-se também aos meus pés, porém, como alucinada, de joelhos e com as mãos postas.

« — Senhor, exclamou naquela suplicante posição, tendes mãe, tendes pai, tendes filhos?!... Por vossos pais e por vossos filhos imploro o vosso perdão para ele, e deixai-nos passar!...

« Estas últimas palavras foram ditas em profundos soluços.

« Tudo porém foi debalde, porque a minha intenção era firme e estava tomada.

« O estrangeiro levantou-se ainda trôpego, e deitou-se a mim com fúria, e atirou-me um golpe de faca, que pegou-me num braço. Arremessei-me sobre ele, arranquei-lhe das mãos o ferro ensanguentado e rojei-o de novo ao chão; a mulher, sem tino e sem pronunciar um só vocábulo, ia e vinha, ao redor de nós, descrevendo um semicírculo, com os cabelos em desordem, tiritante de cansaço e de horror, e com os trajes em completo desarranjo. Parecia douda, ou uma fúria das trevas; e despertaria horror ou compaixão no coração de qualquer que não fosse Lúcifer em corpo e alma!

« Em vista da pusilanimidade de ânimo ou incapacidade física do desconhecido entendi que o emprego do meu punhal, como meio de desaver-me (*sic*) dele, era ignominioso. Apontei por isto a velha mantilha da estrangeira, que jazia aos meus pés, passei-a em roda do pescoço do miserável estrangeiro e fui pendurá-lo, como um (*ilegível*) numa árvore, a um dos braços da cruz de pedra, que ainda avultava, inabalada e firme, à frente das ruínas silenciosas do templo. Enforquei-o.

« Oh! não vos sei expressar, nem por alto, o que a vista dessa imagem oscilante e pendente d'através dessa cruz veneranda, produzia no ânimo sobressaltado e tímido da pobre mulher!... Prantos, gemidos, imprecações, súplicas, tudo ocorreu àquela personalidade sensível, fraca e irritada!

« Depois peguei-a por um dos braços e arrastei-a para as ruínas.

« — Senhor, matai-me, matai-me logo!... Oh!... isto seria agora a minha maior felicidade!...

« — Matar-vos!... disse-lhe eu, com a voz sensivelmente modificada pelas emoções de lascívia. Não sabeis que eu tenho sede de gozo, como um prisioneiro de vinte anos?!... Não atinastes ainda, que a morte do vosso barregão teve por fim conservar-vos a vida para saciar-me, aos vossos lábios, a fome de sensações voluptuosas, que me abocanha, como a uma freira desonrada?!...

« A mulher, àquelas palavras, mordeu-me nas mãos para impedir-me de arrastá-la, e especou os pés ao lamaçal escorregadio da lúbrica esplanada, para poder resistir-me.

« — Foi em vão. Suspendi-a e transportei-a para as ruínas, onde deitei-a a um recanto de parede meio caída. A estrangeira permaneceu ali daquela inalterável posição, em que eu a colocara calma, sossegada e quieta, qual se uma resignação evangélica houvesse substituído o seu anterior trasgugar. Foi uma metamorfose radical, cuja explicação eu podia a mim mesmo, sem que todavia me pudesse dar. »

Eduardo calou-se e pareceu refletir; diríeis, ao encará-lo naqueles pequenos instantes de profunda meditação, que um pensamento horroroso perpassara naquele momento, através da sua fronte esbraseada, larga e marcada pelo fumo doentio dos vapores deletérios dos bordéis.

— Cansaste, Eduardo? perguntou-lhe Jorge.

— A que termo atingiu a tua aventura madridense (*sic*)?... interrogou-lhe Carlos.

— Ides já sabê-lo, disse o interrogado.

E depois de haver ainda libado alguns pingos do licor irritante, as primeiras palavras, que se lhe escaparam dos lábios húmidos, foram estas:

— « Um instante depois de uma emoção de deleite apercebi-me que havia gozado numa mulher cadáver. A estrangeira, durante o tempo em que conduzi-a para as ruínas, batera-se com a cabeça a um portal esguio, que ainda se conservava de pé, como um fantasma de pedra, e suicidara-se. »

Eduardo tornou a absorver os derradeiros tragos de cognac, que restavam no copo, e concluiu:

— « Mas sabeis o que há de mais interessante em tudo isto? Atendei:

« Quando amanheceu de todo, e eu voltei ao teatro infernal daquela cena de horror, uma multidão inumerável, aglomerada em roda desse lugar medonho, admirava as duas vítimas inocentes, uma ainda oscilante e pendente da trava da cruz de pedra e a outra distendida e engolfada numa grande poça de sangue coagulado, no meio da tijolada lodosa do templo caído. O enforcado, ouvi,... o enforcado era meu pai, e a mulher das ruínas, em cujos lábios friorentos eu delibara alguns átomos de gozo, era... minha mãe!... »

— Basta! basta!... bradou Jorge. As tuas histórias são realmente ltuosas!... Estamos assaz satisfeitos de narrações negras e horríveis!

O mestre Germano estremeceu todo desde as plantas até a cabeça, qual uma vara abalada pelo pé.

Carlos começava a modorrar.

VI

Os três aventureiros quase ressonavam, quando o mestre Germano se levantou pálido, macilento e escaveirado, para também contar a sua história.

O candeeiro principiava a derramar um raio de luz lânguida e esquiva, o vento agitava, a rebates, os encerados e as esteiras do botequim, a chuva continuava a cair a pesadas gotas.

Antes porém, de dar começo à sua narração, o Sr. Germano arrancou de um dos interstícios, formados pela junção das diversas esteiras, um punhal de larga folha, e dirigiu-se para o grupo, formado pelos três aventureiros.

Em frente desse grupo embriagado, que roncava profundamente, ele parou calmo e grave, conservou-se de pé e disse:

— « Sabeis quem sou, senhores? Sou um irmão de Margarida Lamorcière, a infeliz condessa de Villemer, sou Gonçalo Orsini, em pessoa, o desgraçado esposo de Maria, a espanhola adúltera, sou ainda um filho do enforcado de Madri e da suicida das ruínas, o irmão primogênito de Eduardo, o pintor aventureiro! Agora conheceis o que quero, o que procuro, como o conseguimento de todo o meu peregrinar mundano? Escutai:

« Quando no Rio de Janeiro, depois de haver desembarcado, sôfrego por unir em um amplexo fraternal, a boa Margarida ao meu peito ofegante, também para depor à face cândida de Eugênia de Villemer um ósculo de sincera amizade e pura afeição, encontrei a primeira escaveirada e mórbida a debater-se sem proveito contra as terríveis consequências do suicídio, no leito da morte e da desonra, e a segunda também desonrada, descida ao mais baixo grau da ignomínia e do desprezo, chorosa, pálida, quase desvairada de vergonha e de arrependimento, protestei por uma jura infalível, pronunciada à cruz deste punhal, vingar essas nódoas de sangue, atirada às honras delas, no próprio que as cuspiu, se porventura o céu me permitisse deparar com ele um dia!... »

E o taberneiro abalando com a mão esquerda a Carlos, que ressonava, bradou-lhe com força:

— Carlos Dumont, eu preciso de vingança!...

Continuou depois assim:

— « Quando uma noite, em Madri, de volta de uma excursão marítima, fui encontrar no santuário da minha câmara conjugal uma mulher sem pejo e sem alma adulterando com um homem sem consciência de si e sem conhecimento do dever, e depois de julgar tê-lo morto, ele escapou-se-me das mãos, como que por uma influência sobrenatural, protestei ainda, esvaído em sangue e quase nos últimos paroxismos da morte, por um juramento

pronunciado à cruz deste punhal, apagar a nódoa de desonra, cuspidada por ele à minha face com o seu próprio e infernal sangue!... »

E o taberneiro abalou com a mão esquerda o esguio corpo de Jorge (que apenas remexeu-se) e disse:

— Jorge aventureiro, eu preciso do teu sangue!...

O taberneiro prosseguiu:

— « Quando uma manhã, em Madri, ainda atraído por um hoste horroroso, eu fui divisar, pendente de uma cruz, o meu pobre pai enforcado e mergulhado em seu próprio sangue o cadáver de minha mãe, que eu ignorava ter-se suicidado, protestei por um juramento solene, pronunciado à cruz deste punhal, vingar na pessoa de seu assassino, essas pobres vítimas inocentes!... »

O taberneiro agitou com a mão esquerda a cabeça loira de Eduardo, qual se quisesse despertá-lo do seu profundo letargo e gritou:

— Eduardo parricida, o punhal de teu irmão Gonçalo Orsini precisa da tua vida!...

Houve um momento de silêncio, durante o qual apenas se ouviam os roncos dos dormidos. O taberneiro, compreendendo que não havia levantarem-se por si daquela sonolência de moribundos, agitou-os ainda; só Eduardo abriu as pálpebras.

— Senhores, disse Gonçalo, desafio a todos vós para um duelo de morte!...

— Amanhã, amanhã, tartamudeou Eduardo.

E caiu ao peso do cognac.

O taberneiro atravessou o seu largo punhal entre os dentes, e com ambas as mãos, abalou juntamente Jorge e Carlos.

— Sr. Carlos, Sr. Jorge, levantai-vos presto. Temos importantes contas que ajustar.

E suspendeu-os igualmente pelos braços inertes. Ambos abriram a custo os olhos adormentados, mas vacilando, caíram de sono.

— Diabo!... exclamou o taberneiro no requinte da desesperação. Oh!... como a embriaguez é covarde!...

Em seguida apertou o seu pontiagudo ferro entre os dedos macilentos, rangeu os dentes de cólera, e articulou com um som de voz rouco e abafado:

— Por serem cobardes, infamemente cobardes, não pensem, demônios, que hão de escapar-me!...

E cravando o punhal na garganta de Carlos, disse profundamente:

— Carlos Dumont, o braço de Eugênia de Villemer é quem te vibra o golpe de vingança!...

Uma vaga de sangue inundou o corpo do apunhalado; o taberneiro aproximou-se de Jorge.

— Jorge, o aventureiro, a honra infamada de Gonçalo Orsini é quem exige o teu sangue para com ele lavar-se da mácula de ignomínia!... prosseguiu com um aspecto horroroso de tigre, embebendo simultaneamente o ferro homicida nas arcas do peito do embriagado, que num momento librou-se em um lago vermelho. Mas não ficou tudo nisto.

Gonçalo estendeu as suas mãos emparelhadas a esse jorro de sangue, que a flux brotava do coração do perdido, como outrora a linfa cristalina e pura do rochedo batido pela virga do israelita, naquela posição demorou-se até que transbordassem, e depois banhou o seu próprio rosto esgrouvinhado e pálido com essa porção de licor tépido, fervoroso e torvo. Estava vingado!...

Quem, ao fitá-lo naquele momento horrível de desabafo selvagem, poria dúvida em julgá-lo a imagem sanguinária do homicídio ou da vingança?!...

Tomá-lo-íeis sem receio de vos enganardes, se porventura o houvésseis distinguido à bruxuleante flama daquele candeeiro semiextinto, trêmulo de emoções desconhecidas, o olhar torvo, as pupilas dilatadas, o lábio inferior um pouco distendido a sorver os pingos vermelhos que se escorregavam da fronte pegajosa do vingador, pelo gênio da morte em essência, simulado por uma máscara de ganga rubra!... Era terrível como um instrumento da justiça do céu, ou como um índio selvagem a tragar com dentes esfaimados os membros palpitantes e crus de um corpo de cristão!...

Ao cabo de um minuto, o taberneiro achegou-se de Eduardo, que dormia a bom ressonar, qual se no seu crânio de assassino não germinassem remorsos. Ensopou-lhe no coração ofegante a sua larga lâmina e bradou:

— Eduardo parricida, as almas do enforcado de Madri e da suicida das ruínas reclamam a tua vida para a sua salvação eterna!...

E os longos cabelos loiros do infeliz mancebo italiano oscilaram um momento à superfície espumosa de uma poça encarnada!

Minutos depois três corpos inanimados, impelidos pelos braços atléticos de um vulto vago e sombrio, rolaram simultaneamente pela encosta alcantilada do medonho despenhadeiro, que se soabre ao lado direito da branca ermida de N. S. do Monte, em Olinda. Eram os últimos despojos da trindade maldita.

Em seguida o vulto sombrio das trevas atirou-se com toda a força do giganteu impulso, de que foram capazes os seus pés vigorosos, dentro do profundo vale do despenhadeiro. Foi Gonçalo Orsini, o vingador, que se precipitou no abismo.

Uma desabrida lufada do leste arrancou então, ao seu sopro de furacão, a coberta de esteiras e panos encerados do botequim do Sr. Germano.

O candeeiro de flandres derramou um último fio de luz embaciada e parda, e extinguiu-se.

Um momento ainda, às caladas da noite, ressoou uma vibração confusa e lúgubre, produzida pelo rolar dos três cadáveres à fralda do despenhadeiro, desencravando os seixos musgosos, e amarrotando as parasitas do vale.

FIM

Referência:

TÁVORA, Franklin. “A Trindade Maldita”. In. *Diario de Pernambuco*. Recife, Ano XXXVIII, nº 82-85, 9 de abril de 1862 a 12 de abril de 1862.

Nota sobre esta edição

O texto aqui editado da narrativa *A Trindade Maldita*, de Franklin Távora, não é íntegro, uma vez que não tive acesso ao primeiro número do periódico a trazer a referida obra, de maneira que o primeiro capítulo está incompleto. Contudo, essa pequena perda em nada prejudica a compreensão do enredo.

Fiz o possível para preservar a fidelidade ao original, inclusive respeitando o sistema de pontuação do autor, salvo raras exceções em que se comprometia o entendimento da narração. Atualizei a ortografia, mas optando por preservar as variantes do português de Portugal que ainda se encontram no dicionário. Ademais, as alterações compreendem ainda a correção de erros tipográficos evidentes.

Daniel Coutinho

